



Aumentar ou diminuir tamanho do texto

2005/02/26

BUSH NA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues

A visita de Bush à Europa tinha que correr bem. Em nenhum caso podia servir para dar razão aos que não acreditam ser possível fazer reviver o relacionamento transatlântico que existia no passado; outros valores mais altos se levantavam, quer na frente internacional quer nas frentes internas. Fossem quais fossem os resultados alcançados teria que se arranjar forma de transmitir para a opinião pública uma imagem positiva dos encontros realizados entre Bush e os seus principais opositores na Europa: Chirac, Schroeder e Putin.

Neste contexto, por razões de precaução, não havendo certezas de sucesso, não foram tornados públicos os objectivos que importaria atingir. Os analistas deitaram-se a adivinhar e possivelmente acertaram, pelo menos em alguns aspectos: entre apenas ouvir as opiniões dos europeus e explicar as políticas americanas ou ir até verdadeiras consultas, estava com certeza o desejo de melhorar o relacionamento; algumas concessões pequenas, de ambos os lados, seriam também de esperar mas não alterações importantes de política até porque, para a administração americana, os europeus estão a mudar, reconhecendo que Bush não está errado em tudo; não se contava, porém, que viessem a ser abertas novas portas de negociação para acerto de estratégias.

A definição do nível de exigência e respectivos critérios a usar na avaliação dos resultados diplomáticos ficou dependente do que se viesse a conseguir. Isso permitiu dizer que a “missão de Bush foi cumprida e que acabou por corresponder a todas as expectativas, de ambos os lados do Atlântico”; porém, nunca se especificou objectivamente qual era a missão e quais eram as expectativas sobre o que se pretendia alcançar. Ficou-se pelo objectivo genérico de melhorar o relacionamento transatlântico.

Bush veio com um discurso diferente daquele a que nos habituara durante o seu primeiro mandato; como a que pretender estabelecer um novo clima de relacionamento. Já não recriminou os europeus por falta de solidariedade na “guerra contra o terrorismo” e, sobretudo, na resolução do problema iraquiano. Contentou-se em recriminar a Rússia pelos excessos de autoritarismo de Putin e em insistir na necessidade de travar as ambições nucleares do Irão e da Coreia do Norte, pontos consensuais para os europeus, não obstante as divergências sobre os métodos a usar. Conseguiu, por isso, uma atmosfera mais positiva, criar laços mais consistentes com os seus opositores e melhorar a sua imagem e credibilidade. Por isso alguns dizem que o “balanço foi positivo”.

É verdade que as relações já tinham de algum modo melhorado depois da reeleição de Bush; quem o diz é o próprio Solana [1]. De acordo com recentes sondagens à opinião pública europeia, pelo German Marshall Fund, as percepções europeias sobre os EUA, particularmente na França e na Alemanha, são hoje melhores do que eram durante o primeiro mandato de Bush [2], não obstante continuarem negativas. Só não se sabe porque melhoraram; alguns ironizam dizendo que os europeus se resignaram a viver mais quatro anos com Bush à frente dos destinos dos EUA. É curiosa esta evolução quando os sinais decorrentes das mudanças de secretário de Estado indicariam exactamente o contrário. [3]

Referindo-se à Europa, Bush disse precisamente aquilo que os europeus mais queriam ouvir: que apoia uma Europa forte e unida porque os EUA precisam de um parceiro forte nos difíceis trabalhos de promoção da liberdade no Mundo. [4] E não hesitou em visitar a sede da UE, ficando a ser o primeiro presidente americano a fazê-lo. Aparentemente, Bush terá concluído que uma Europa unida e forte é melhor do que uma Europa fraca e dividida; por isso apoia a integração europeia e quer a Europa a falar com uma única voz. [5] Para quem não prestou atenção a toda a frase, recorda-se que, no entanto, é um apoio condicional; pressupõe que se trata de uma Europa em sintonia com os EUA, não apenas com o mesmo objectivo mas também com uma estratégia comum ou, pelo menos, coordenada. Mesmo assim foi um importante avanço. Resta saber se não estará associado à previsão de que a Europa ainda está muito longe desse objectivo. Não sendo do seu estilo dizer o que não pensa, as pessoas interrogam-se como se pôde converter tão rapidamente à UE. Só o tempo o dirá.

Ninguém pode hoje recusar reconhecer os avanços feitos no processo de integração europeia: por exemplo, a existência de um conceito estratégico de segurança desde Dezembro de 2003; o processo em curso de aprovação de uma constituição; um mercado interno próprio e uma moeda única, o facto de ser já hoje o maior parceiro comercial do Mundo e maior dador de ajuda (30 mil milhões de dólares em 2003, 55% do total); os crescentes poderes da Comissão Europeia e do

Parlamento; e, finalmente, um já influente actor em algumas regiões não obstante o continuar a não ter relevância militar. De facto, a Europa de hoje não é a mesma do tempo da primeira eleição de Bush, quatro anos atrás. O problema é que se houve avanço no sentido de maior coesão – o que Bush dá por bem vindo – também se avançou, e assim vai continuar, nas suas ambições de ter um papel cada vez mais relevante como actor global e aí vai entrar forçosamente em áreas de conflitos de interesses. A visita de Bush não veio, nem podia vir, alterar este curso dos acontecimentos.

O mais provável é que a UE se mostre mais empenhada em mostrar no que se diferencia do que no que não se distingue da potência hegemónica, realçando em especial que são os seus métodos, e não os dos EUA, os que mais progressos têm conseguido como motor de mudança do Mundo no sentido da adesão aos valores da democracia e da liberdade. Pode apresentar, como testemunho dos seus sucessos, o processo de alargamento com a correspondente conversão dos novos aderentes aos ideais da democracia e liberdade apenas pela acenar da adesão e da oferta dos seus mercados sem ir pela via da confrontação. Por isso tenderá a seguir cada vez mais as suas próprias políticas e a assumir a respectiva demarcação dos EUA, aproveitando para fazer notar que se tem pontos fracos, nomeadamente o militar, tem todos os outros em que é relevante.

Para Charles A. Kupchan [6], as dificuldades do relacionamento transatlântico são em parte decorrentes dos avanços do processo de integração europeia, do fim da situação de dependência em relação aos EUA, ou seja da sua independência estratégica. Como esta tendência se vai acentuar, o relacionamento transatlântico fica dependente das percepções americanas sobre essa evolução e da forma como avaliará as implicações daí decorrentes sobre as suas próprias políticas. Para Kupchan, a afirmação europeia não é uma ameaça à hegemonia americana mas não é seguro que a actual administração americana esteja seriamente convencida disso. O que é de esperar é que o apoio à integração europeia fique dependente de haver ou não convergência de políticas, vacilando sempre que não houver e dando lugar à preferência pelo relacionamento bilateral. Mais um aspecto a que a visita de Bush nada veio adiantar.

No âmbito da NATO, mais concretamente na sua intervenção no Iraque, Bush conseguiu o inesperado volte face de pôr todos os 26 países membros de acordo em contribuírem para a respectiva missão. É, no entanto, um acordo mais simbólico do que efectivo. Por exemplo, a França, até então o mais obstinado a não ceder qualquer colaboração [7], não dará mais que um contributo financeiro (660 mil dólares) e autorizará um oficial em serviço na NATO a ser colocado no Iraque. Como agora já não são precisos os 3000 efectivos anteriormente solicitados pelo SACEUR, bastando apenas 159, ou seja mais 59 dos que os 100 já em funções no terreno, a meta que a NATO tinha para atingir está agora mais próxima. Isto chega para redigir um comunicado a realçar de que há consenso entre os aliados sobre a questão do Iraque e que todos sem excepção estão unidos à volta disso. Resta saber se também vai chegar a Bush quando daqui a algum tempo quiser fazer a contabilidade do que ganhou com esta visita, em troca pela boa vontade que mostrou.

Não serão, porém, os comunicados a anunciar este encontro de vontades que vão esconder o facto, bem complicado, de a sobrevivência da NATO continuar com uma questão em aberto, Schroeder deu mais uma importante contribuição para agravamento do assunto ao defender, na conferência de Segurança em Munique, que é preciso encontrar outras formas de reavivar o diálogo transatlântico, já que a NATO deixou de ser o local privilegiado para a discussão e coordenação das estratégias entre os dois lados do Atlântico. [8] Schroeder pretende que a UE e os EUA constituam um painel independente de alto nível, constituído por antigos líderes americanos e europeus e, eventualmente, liderado pelo antigo presidente George Bush, pai do actual, para apresentarem até meados de 2006 um relatório com recomendações sobre a forma de melhorar o relacionamento transatlântico.

Chirac, sempre atento à defesa das suas causas, não tardou a concordar e a não hesitar em interpretar a proposta de Schroeder, em antecipação de quaisquer possíveis conclusões do painel proposto, com a defesa da UE como o fórum indicado para o diálogo transatlântico. É óbvio que nada disto faz sentido, mas pelos vistos isso não é relevante nem sequer incomoda quando se trata de apenas marcar posições.

Schroeder só tem razão ao defender a necessidade de um maior diálogo; o mesmo diz Solana quando diz ter chegado o tempo de abrir um diálogo estratégico alargado entre a UE e os EUA, abrangendo, por exemplo entre outros, os casos da China, Irão e Coreia do Norte. Mas já se sabe que o problema não é falta de mecanismos de diálogo; é apenas o de vontade de o estabelecer, eventualmente, por culpa de ambas as partes: a América não se sente presentemente constrangida pela existência de outra superpotência a disputar-lhe áreas de influência e não precisa da Europa como precisava no tempo da Guerra Fria; a Europa, por sua vez, também já não sente que precisa da protecção estratégica dos EUA.

Há já algum tempo atrás, bastante antes de Schroeder avançar com esta ideia, Scheffer, o actual

secretário-geral da NATO, defendia que esta deve ter um papel mais político [9], o que vai no mesmo sentido mas com a importante diferença de se pretender que a NATO continue a ser o palco central desse diálogo. Embora o chanceler tenha esclarecido que o objectivo final é reforçar o papel da NATO no diálogo transatlântico, o que foi proposto não passa necessariamente pela Aliança e, nessa base, a iniciativa contém um elemento grande de risco para esta. Pelas reacções imediatas de Rumsfeld e do próprio secretário-geral da NATO, não parece que vai haver apoio à ideia de Schroeder. Bush também se demarcou da ideia.

Se assim for, evita-se mais uma situação embaraçosa para a NATO. Sabemos que os EUA não querem pôr a NATO em causa mas as suas razões não são as que os europeus podem aceitar; na minha interpretação, têm sobretudo a ver com a possibilidade que daí decorre de assim controlarem o processo de construção de uma política de segurança e defesa europeia e de evitarem a sua autonomização. Aliás, como se sabe, não faltam influentes correntes de opinião nos EUA que se insurgem com o desenvolvimento da PESC, no que pode representar de risco de disputa da hegemonia americana; preocupações que têm crescido com o aproximar da ratificação da Constituição Europeia e institucionalização do novo cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros.

Fica-se na dúvida, por falta de qualquer referência, se o desejo expresso de Bush em ver uma Europa forte e unida passa também pela área do desenvolvimento da PESC. Em teoria tem que passar; na prática tenho algumas dúvidas. Mas se passa, então, mais tarde ou mais cedo, terão que ser levantadas as restrições que os americanos, pela mão da NATO, lhe têm imposto, com o célebre critério dos três D's [10], especialmente quando, ao não permitir qualquer duplicação de estruturas, obriga a UE a usar a cadeia de comando de comando NATO. Ora a visita de Bush também nada acrescentou sobre a disponibilidade americana em levantar essas limitações e reconhecer que ambas as coisas não são só compatíveis como também necessárias.

Ficamos sem saber se a administração americana subscreve os argumentos desenvolvidos por Kutchan na defesa da ideia de que o diálogo transatlântico só tem a ganhar com o desenvolvimento da PESC. Para Kutchan, uma maior capacidade militar europeia obrigará os EUA a olhar para a Europa de uma forte diferente, a ter em melhor conta os seus pontos de vista e isso evitará os sentimentos anti-americanos na Europa, em grande parte resultantes da percepção que a Europa é ignorada; quantas mais capacidades tiver a UE mais os EUA se esforçarão para conseguir o seu apoio e, por isso, serão maiores as possibilidades de entendimento; evitar-se-á uma divisão de trabalho, para a América se encarregar das tarefas mais exigentes e a UE das restantes, o que se pode tornar num agente corrosivo de um saudável relacionamento.

É verdade que a visita de Bush não abordou nenhuma das questões de fundo, as de que dependem o futuro de um saudável e equilibrado relacionamento transatlântico, mas teve o condão de ser o pretexto para um extenso e profundo debate, em variados quadrantes mas sobretudo nos EUA, sobre o que importa realmente fazer nessa área. Mais do que os entendimentos que possam ter sido alcançados sobre a forma de lidar com o Irão – não foram muitos, para além do acordo de deixar os Europeus continuarem a tentar uma solução até Junho –, dos acordos alcançados com a Rússia na área do controlo dos mísseis portáteis terra-ar e de medidas anti-proliferação nuclear, entre outros, e ainda, finalmente, das promessas de preservação da NATO e de apoio à EU, serão principalmente esses debates que vão ajudar a descobrir os caminhos de um relacionamento transatlântico que preserve os interesses de ambas as partes. Particularmente importante poderá ser a contribuição dada por um conjunto de 55 proeminentes autoridades em questões de relações internacionais e de segurança de ambos os lados do Atlântico, com sugestões concretas de estratégias comuns sobre os assuntos que mais os dividem. [11] Veremos se há disponibilidade política para atender a essas reflexões. Se houver, então poderemos fazer um balanço positivo da visita de Bush; caso contrário, aquilo que por alguns foi considerado resultado positivo, mas que na realidade é muito pouco, mesmo assim esfumar-se-á rapidamente.

[1] “ The atmosphere has changed. The music is better” . IHT, 17 Feb 2005.

[2] Segundo uma sondagem realizada após a reeleição, a oposição europeia à liderança americana tinha diminuído 8 pontos em França e 3 na Alemanha.

[3] Ver “Um novo Bush”, de 3 de Janeiro de 2005.

[4] “ América supports a strong Europe because we need a strong partner in the hard work of advancing freedom in the world” .

[5] Brookings Institute, 17 Feb 2005, Ivo Daaler.

[6] Professor de Relações Internacionais na Universidade de Georgetown, em Survival, volume 46, nº4 – Winter 2004 – “The Travails of the Union: The American Experience and its implications for

Europe”

[7] Mantém-se a disponibilidade que já vinha de trás em treinar forças fora do Iraque, mas que as autoridades iraquianas não têm querido aproveitar.

[8] “NATO is no longer the primary venue where transatlantic partners discuss and coordinate strategies”.

[9] “NATO must become a more political forum and it must engage more as an alliance in the relevant political bodies”. It should be used “to the fullest extent possible as both a military framework and a political forum for the transatlantic consultations”. “NATO is not and should not be only the executive agency implementing decisions taken elsewhere. NATO has the full right and the need to be a player, not the key player, not playing the first violin, but a player in the political process”. “Not only a military forces provider; it has to take part of the political process” .

[10] Ver também: “Yes but” de 21 de Outubro de 2003 e “A Defesa Europeia” de 14 de maio de 2004.

[11] “Compact between the United States and Europe ” . Ver os sites do Brookings Institute (www.brookings.edu) e do Center for European reform (www.cer.org.uk)

15 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/05/14

“SMART DEFENCE” NA CIMEIRA DE CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/04/28

A POSTURA NUCLEAR DA NATO. DA CIMEIRA DE LISBOA PARA CHICAGO

Alexandre Reis Rodrigues

2012/03/02

AS ILHAS FALKLAND. TRINTA ANOS DEPOIS DO CONFLITO DE 1982

Alexandre Reis Rodrigues

2009/03/25

A CIMEIRA DOS 60 ANOS DA NATO E A UNIÃO EUROPEIA

Alexandre Reis Rodrigues

2008/11/14

EUA. O QUE SE PODE ESPERAR DE OBAMA

Alexandre Reis Rodrigues

2007/12/12

A MELHOR FORMA DE COMEMORAR OS 60 ANOS DA NATO

Alexandre Reis Rodrigues

2007/10/02

OS PORTUGUESES NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA – O DIAMANTE ESQUECIDO DA POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA[1]

Nuno Manalvo[2]

2007/06/25

A DEFESA COLECTIVA DA EUROPA. RESPONSABILIDADE DA NATO? (II PARTE)

Alexandre Reis Rodrigues

2006/10/04

A EUROPA NOS PLANOS DOS ESTADOS UNIDOS

Marcelo Rech[1]

2006/07/18

O FUTURO DA NATO

António Borges de Carvalho

2006/07/17

A CIMEIRA DA NATO EM RIGA

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/13

As Relações Transatlânticas: Galileu vs GPS

Vera Gomes

2005/04/06

NATO AND THE EUROPEAN UNION: INEVITABLE PARTNERS

Robert E. Hunter, US Ambassador in NATO 93/98

2004/11/27

Parceiros ou Rivals?

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/22

As Relações Transatlânticas

Alexandre Reis Rodrigues